

Comunicação e Educação

Elza Dias Pacheco

"A música que me faz rir ou chorar, o alimento que apetece ou me é indigesto, a carícia que alegra ou entristece: tudo isso está relacionado às minhas próprias raízes culturais, às minhas aspirações e àquelas formas específicas de entender e sentir a vida, que são peculiares à cultura à qual pertencem."

Rubens Alves, in "Hijos del mañana"

Introdução

O inter-relacionamento entre Comunicação e Educação é tema de grande interesse, principalmente, a partir da década de 80, quando se percebe que toda a atividade comunicativa é ao mesmo tempo, educativa e vice e versa. Tal interesse vem gerando estudos e debates que se desenvolvem e são objetos centrais em congressos, encontros e seminários que reúnem especialistas de diversas áreas científicas. Foi o que aconteceu em Itaipu, em 1985, quando a INTERCOM, no "VIII Ciclo de Estudos" abordou a temática "Comunicação e Educação: Caminhos Cruzados".

Falar de Comunicação, num primeiro instante, nos leva a pensar em meios de Comunicação de massa, principalmente, no momento em que, diante da TV via satélite, se desenrola em cenário jamais imaginado a nível da realidade. A guerra no Golfo Pérsico mostrada ao vivo, via rede CNN, se transformou em ficção para os telespectadores tão acostumados com filmes tipo Rambo. A explosão dos mísseis se assemelha, apenas, a mais um espetáculo pirotécnico que o receptor decodifica e assimila com a mesma emoção que lhe despertam as cenas dos variados gêneros do cotidiano televisivo. Real e fantástico se interpenetram e se confundem no colorido das imagens, que se apresentam como os "fatos diversos", do "Fantástico" - show de variedades, levado ao ar todos os domingos, pela Rede Globo.

Mas a Comunicação não se resume nisso. A Comunicação faz parte do nosso dia-a-dia. Ela está em nós e conosco em todos os momentos, desde a nossa concepção. Sim, claro! Ela não se inicia com o nascimento do ser humano mas o antecede de muito. Mãe e feto se comunicam indistintamente, simbioticamente. Com o nascimento, após o primeiro vagido, o homem já assume o seu papel de interlocutor ativo no

processo de comunicação que se amplia e se enriquece à medida que ele desenvolve a sua competência lógica e lingüística, segundo as condições materiais de vida que condicionam as suas concepções do mundo.

Assim, as atividades lúdicas como o jogo, as brincadeiras, os folguedos, as festas (...) e as atividades de subsistências como o trabalho, as reivindicações salariais, os movimentos grevistas (...) são práticas culturais que compõem o nosso cotidiano e, como tal, são formas de comunicação.

Mas como dissemos no início, Comunicação e Educação se entrecruzam, principalmente, com o advento das novas tecnologias cujo avanço é vertiginoso exigindo dos educadores um posicionamento crítico e dinâmico a fim de que esse arsenal seja compreendido em sua dimensão social econômica e política. Tal posicionamento é urgente para que a Educação deixe de ser encarada como um mero ato de "educare" de conduzir, e passe a ser vista como a mediação que permeia a prática social, esta entendida como praxis social, que se dá ao nível das relações entre os homens. Isso exige escola "por mais que seja um aparelho ideológico do Estado" no sentido de Althusser, como ressaltava Gramsci, um espaço de "livre circulação" das ideologias, podendo, por isso mesmo, constituir um lugar privilegiado para a ruptura da "hegemonia" ideológica de uma classe ou fração de classe" (Freitag, B. 1987:8)

Uma nova era: uma nova revolução industrial.

O mundo vive hoje uma nova era, uma segunda Revolução Industrial advinda das novas tecnologias da comunicação. É uma revolução silenciosa que, sem pedir licença, foi detonada. Ela se caracteriza pelo desenvolvimento das telecomunicações, da informática, da automação dos serviços, dos robôs, dos satélites, dos eletrodomésticos até dos eletrônicos utilizados para o lazer.

Embora silenciosa ela está possibilitando profundas transformações que atingem a humanidade sem que esta se dê conta, apesar da existência dos discos digitais com leituras em raios laser, dos gravadores de vídeo cassette, da recepção de TV diretamente dos satélites, dos videodiscos interativos, das antenas parabólicas. Aliados a esses benefícios convém lembrar dos radares bélicos, dos equipamentos para dirigir mísseis e de uma gama de satélites espíões que circundam o planeta Terra.

Por mais polêmica que seja, a informatização já invadiu os lares, as escolas e as indústrias. Já é possível atuar em vários campos, como o jornalístico, sem sair de casa, através de rede de computadores.

Nas escolas canadenses, francesas, inglesas e estadunidenses o computador é um instrumento comum até nas escolas elementares. A tecnologia digital se tornou uma linguagem universal. A correspondência se faz via telex e fac-símile, não apenas nas indústrias e empresas mas nos pequenos escritórios e até nas escolas de pequeno porte.

"Já não é novidade o videotexto; agora é o videodisco interativo que associam texto, imagens e vozes armazenadas em um videodisco acoplado a um sistema computadorizado. É o diálogo homem-máquina. É a Terceira Onda de Toffler" (Siqueira, E. 1985).

Toda essa alta tecnologia interfere na produtividade e, conseqüentemente, no mercado de trabalho. Tal dilema é bem colocado por Schaff em "A sociedade informática".

Em termos de Brasil, em especial no setor da Educação, o que foi dito é um "Admissível mundo novo" completamente desconhecido dos nossos educadores, o que não nos estranha muito, já que a querela ocorre ainda sobre o veículo televisão.

Daí a necessidade de reflexões críticas sobre esse onipresente meio e suas influências sociais nos telespectadores brasileiros, em especial, nas crianças de nível sócio econômico baixo, já que "as condições materiais da classe em que vivem as crianças afetam as estruturas de consciências infantis bloqueando ou provocando defasagem no desenvolvimento de sua competência lógica, moral e lingüística e influenciando, dessa forma, as estruturas formais de processamento da realidade" (Freitag, B. 1987:9).

A TV amada e odiada mediando a interação na sala de aula

O crescente desenvolvimento tecnológico criou novas aspirações baseadas no "american way of life". A casa do bairro afastado foi substituída pelos mini-apartamentos das zonas centrais, onde as crianças foram confinadas. A indústria respondeu de pronto: imprimiu-lhes uma babá eletrônica a têve que funciona 24 horas por dia, condicionando a rotina das crianças e de seus familiares, através do show que não pára. Nele desfilam heróis invencíveis que, através de forças sobrenaturais, vencem os mais variados monstros e impedem as mais terríveis catástrofes que ameaçam a humanidade.

■ INTERCÂMBIO

Foi este show que deu origem a acirradas querelas sobre efeitos catárticos ou narcotizantes. Mas afinal a televisão infantil é objeto de lazer ou alucinação?

A tevê é a causa da violência que parece aumentar cada dia que passa? Daí os questionamentos travados por especialistas de diversas áreas do conhecimento.

Enquanto isso a televisão não adentra oficialmente os muros da escola, embora continue como uma "escola paralela" distante da realidade dos professores e currículos escolares.

A tevê gera violência (...) Mas o que é violência? E nós diremos que é agressividade mal aplicada utilizada com intuito destrutivo. Há dois tipos de agressão: a comum a todos os animais, que consiste no impulso filogeneticamente programado para investir ou recuar quando o nosso espaço vital está ameaçado.

O segundo tipo não existe nos animais: é a agressão cruel cujo objetivo é a satisfação lúbrica.

Nas crianças as causas de violência são múltiplas: as de ordem biológica, ligadas a fatores epiletógenos e a fatores encefalopáticos; as de ordem psicológica, ligadas à carência afetiva, a falta de aconchego e à ausência de relações afetivas prolongadas; as ligadas a fatores econômicos.

Tais considerações parecem ser suficientes para esclarecer o aumento da agressividade: travar uma corrida contra a fome e a busca de condições de subsistência, já que 2/3 dos 4 bilhões de habitantes do universo são subnutridos, moram sem condições são subnutridos, moram em condições precaríssimas e não têm acesso à escola e nem à prevenção de doenças.

Estes dados, aliados à urbanização crescente, gerando grandes concentrações demográficas, desencadeiam ansiedade e angústia, propiciando condições para atos delinqüenciais.

Em 1980, dados da cadeira de Medicina Legal da Universidade Federal de Minas Gerais revelaram que 800 menores de 7 a 13 anos praticaram delitos em Juiz de Fora e que 68% deles não assistiam à TV, não liam jornal e não ouviam rádio.

Embora a televisão não seja responsável pela violência, é claro que ao noticiar tais fatos de forma sensacionalista, como em geral o faz, contribui para modelar comportamentos insensíveis, gostos homogêneos, aquilo que Tocqueville chamou de tirania da maioria e que pode levar à repressão legalizada da minoria. O campo é propício.

O que se discute é o nexó de causalidade

entre tevê e o grau de sanidade comunitária e as posições via de regra são passionais e radicais.

Enquanto se discute a violência da tevê quer seja a dos noticiários, a dos seriados, a dos desenhos animados, a das novelas, perde-se de vista a violência real do mundo cotidiano e a violência simbólica via ideologia que permeia todos os programas.

Mas afinal por que a tevê tão odiada por poucos é tão amada por muitos? É que ela é um verdadeiro Olimpo onde desfilam heróis, vilões, príncipes, fadas, bruxas e seres que se sacralizam. A tevê permite, pela eletrônica do mito, o encontro com vivências profundas relacionadas com a origem do homem, suas angústias diante da vida e da morte.

Através dos vários gêneros tem-se tudo o que se deseja: o amor, o erótico, o excepcional, os monstros, as situações limite. Enfim, ver tevê é viver o mito da vida, do nascimento, da morte, da viagem e do trabalho.

Enquanto aos gêneros, a preferência até 9 anos e meio de idade é o desenho animado, independentemente do sexo e do nível sócio-econômico.

Destes, o preferido constante, segundo pesquisa recentes (Pacheco, Beraldi, Fusari e Fischer) é o do Pica-Pau e os motivos são sempre os mesmos: ele é engraçado, ágil e pode voar; ele é agressivo e forte; ele é esperto e sempre sai vitorioso (...) Ele é herói e vilão; enfim, ele é mágico como os demais heróis deste gênero.

Mas por que o Pica-Pau resiste ao tempo e até às inovações tecnológicas do gênero? Animismo? Antropomorfismo? Projeção e identificação? Mitificação?

Só a criança pode nos responder, pois a sua realidade é diferente da do adulto. Só ela consegue passar do subjetivismo egocêntrico, onde predomina o fantástico e o maravilhoso, que permite elaborar as angústias de perda, da morte, de solidão, para outra realidade objetiva. Ela manipula a fantasia como o adulto manipula a sua realidade, o que não significa que a criança confunda esses dois mundos. Ela não é um telespectador passivo, pois no ato de recepção e assimilação, ela pensa e recria a fantasia segundo suas necessidades.

É através do fantástico que a criança materializa os seus desejos, compartilhando da vida animal, mudando de tamanho, libertando-se da gravidade e tornando-se até invisível. É nestas viagens de idas e vindas do real para o fantástico que ela se torna onipotente e comanda o universo, segundo seus desejos.

Porém, isto não é tudo. A polêmica deve continuar, nada é conclusivo. A nossa criança está consumido 40 horas semanais de TV e isso nos preocupa. É necessário unir esforços

para se repensar as suas atividades lúdicas, reorientando a utilização da tevê, quer no lar, quer na escola, impedindo que ela seja um meio de escapismo às carências e ao isolamento das nossas crianças. A tevê precisa ser lida na sala de aula, pois lendo-a, se transgride o ranço da escola, se desenvolve a comunicação verbal e todas as formas de expressão indispensáveis para a escrita. A leitura da tevê e dos meios de comunicação em geral se inicia com a leitura da imagem, que é precedida pela leitura das coisas, dos objetos, das pessoas, dos eventos que desfilam diariamente no cotidiano de cada um de nós.

Quando digo que a criança lê as coisas que estão ao seu redor, estou querendo dizer que, muito antes de ela entrar para a escola formal, ela se movimenta explorando o seu microcosmos para conhecê-lo. Com ela vão se configurando percepções de espaço, de tempo, de distância, de proximidade, de som, de ritmo para integrá-los ao seu mundo.

Este mundo, à medida que a criança se desenvolve com o engatinhar, o andar, o correr, vai se ampliando e fazendo com que outras coisas se incorporem ao seu universo. Ela ouve e percebe o canto dos pássaros, o ronco dos aviões e dos carros, o zumbido dos insetos, o farfalhar das árvores, a cor do céu e o perfume das flores. Mas ao mesmo tempo ela percebe e sente também outras coisas: a dor, a fome, o mal-estar, o frio, a poluição, a violência, a injustiça (...) Ela percebe sofrer.

Elza Dias Pacheco

• *Profª do Departamento de Comunicações e Artes (CCA) da Escola de Comunicação (ECA) da Universidade de São Paulo (USP).*

Bibliografia

- ERAUSQUIN, M.A. *et alu*. Os teledependentes. FADUL, A. (org) Novas Tecnologias de Comunicação. São Paulo, Summus, 1986.
- FREITAG, B. Política educacional e indústria cultural. São Paulo, Cortez, 1987.
- FUSARI, M.F.R. O educador e o desenho animado que a criança vê na televisão. São Paulo, Loyola, 1985.
- MELO, J.M. Para uma leitura crítica da comunicação; São Paulo, Paulina, 1985.
- PACIECO, E. D. O Pica-Pau: herói ou vilão? Representação Social da criança e reprodução da ideologia dominante. São Paulo, Loyola, 1985.
- Teve e Criança: lazer ou alienação? Agenda Escolar, 1989. São Paulo, Salesiana Dom Bosco.
- A linguagem televisiva e o imaginário infantil. São Paulo, TEMA 9/11, Anais do I Seminário Estadual de Literatura Infanto-Juvenil, p:192-196
- SIQUEIRA, E. As novas tecnologias na reorganização da sociedade civil. (conferência no Curso de Problemas Brasileiros), São Paulo, ECA/USP, 1985